



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA E MATEMÁTICA APLICADA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MODELAGEM E MÉTODOS  
QUANTITATIVOS**

**CARLOS MIGUEL MOREIRA GONÇALVES**

**CESSANDO A PROPAGAÇÃO DE COVID-19 ELEMNANDO INDIVÍDUOS  
*SUPER-SPREADERS* EM REDES COMPLEXAS**

**FORTALEZA  
2023**

CARLOS MIGUEL MOREIRA GONÇALVES

CESSANDO A PROPAGAÇÃO DE COVID-19 ELEMINDANDO INDIVÍDUOS  
*SUPER-SPREADERS* EM REDES COMPLEXAS

Qualificação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Modelagem e Métodos Quantitativos da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Modelagem e Métodos Quantitativos. Área de Concentração: Modelagem e Métodos Quantitativos.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Chaves Rêgo.

Coorientador: Prof. Dr. Pablo Ignacio Fierens.

FORTALEZA  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

---

S185r      Gonçalves, Carlos Miguel Moreira .  
             CESSANDO A PROPAGAÇÃO DE COVID-19 ELEMİNANDO INDIVÍDUOS  
             *SUPER-SPREADERS* em Redes Complexas / Carlos Miguel Moreira Gonçalves. - 2023.  
             28 f. : il.

             Qualificação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, PRO-  
             GRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MODELAGEM E MÉTODOS QUANTITATIVOS,  
             Fortaleza, 2023.

             Orientação: Prof. Dr. Leandro Chaves Rêgo.

             Coorientação: Prof. Dr. Pablo Ignacio Fierens.

             1. Redes; 2. Covid-19; 3. Palavra-chave3; 4. Palavra-chave4. I. Título.

CDD 530

---

CARLOS MIGUEL MOREIRA GONÇALVES

CESSANDO A PROPAGAÇÃO DE COVID-19 ELEMINDO INDIVÍDUOS  
*SUPER-SPREADERS* EM REDES COMPLEXAS

Qualificação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Modelagem e Métodos Quantitativos da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Modelagem e Métodos Quantitativos. Área de Concentração: Modelagem e Métodos Quantitativos.

Aprovada em 07/03/2013.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Leandro Chaves Rêgo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Pablo Ignacio Fierens (Coorientador)  
Instituto Tecnológico de Buenos Aires (ITBA)

---

Prof. Dr. Sicrano de Tal  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

“Life gggis eternal. A lifetime is ephemeral.” -  
Fecundity

## AGRADECIMIENTOS

A beltaro de tal bla bla bla bla bla bla bla blabla bla blabla bla blabla bla blabla  
bla blabla bla bla bla bla bla bla bla bla bla blabla bla blabla bla blabla bla blabla  
bla bla blabla bla blabla bla blabla.

A fulano de tal blabla bla blabla bla bla blabla bla blabla bla bla blabla bla blabla  
bla bla blabla bla blabla bla bla blabla bla blabla bla blabla.

## RESUMO

A pandemia do Covid-19 foi um episódio adverso na história da humanidade causando um estrago na economia e na saúde mental de várias pessoas. Isso se deve muito ao perigo da doença antes da produção de vacinas e por causa de um isolamento forçado dentro de casa. Apesar de necessário, o isolamento social contribuiu para o agravamento desse cenário, colocar todas as pessoas em isolamento criou um ambiente de baixa produtividade, seja no Mercado de Trabalho e na Educação, por exemplo. Para evitar a quebra total, as instituições optaram pela utilização dos chamados *home-office*, contudo ninguém estava preparado para uma mudança tão drástica na forma de viver. Será que o isolamento total de todos é necessário?

Nesse trabalho, iremos estudar a remoção de indivíduos em redes levando em conta a sua importância na topologia e também considerando a taxa de mortalidade pelo Covid-19 de cada pessoa advinda da sua idade.

**Palavras-chave:** Redes; Covid-19; Palavra-chave3; Palavra-chave4.

## ABSTRACT

Write your abstract here bla bla bla bla bla bla bla bla blabla bla blabla bla blabla bla blabla bla blabla bla bla.

**Keywords:** Keyword1; Keyword2; Keyword3; Keyword4.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pontes de Königsberg . . . . .	15
Figura 2 – Ilustração do Modelo . . . . .	19
Figura 3 – Funcionamento do Modelo de Configuração, escolhemos dois sítios $i$ e $j$ aleatoriamente e os conectamos. Fonte: Elaborado pelo autor . . . . .	19
Figura 4 – Ilustração do Modelo de Manzo . . . . .	21
Figura 5 – Funcionamento do Modelo de Configuração, escolhemos dois sítios $i$ e $j$ aleatoriamente e os conectamos. O Algoritmo pode gerar várias topologias de redes, porém ainda limitadas pelas quantidades $\{k_i\}$ de graus impostas pelo MC. Fonte: Elaborado pelo autor . . . . .	21

## **LISTA DE GRÁFICOS**

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Tabela do resultado de Manzo . . . . .	21
Tabela 2 – Tabela do meu resultado. . . . .	22

## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
TESTE	bla bla bla bla bla bla blabla bla blabla bla blabla bla blabla bla bla bla bla bla bla bla blabla bla blabla bla blabla blablabla bla blabla bla bla

## LISTA DE SÍMBOLOS

$\eta_{\mu\nu}$	Métrica do espaço de Minkowsky
$g_{\mu\nu}$	Métrica do espaço curvo
$x$	bla bla

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO . . . . .</b>	<b>14</b>
<b>1.1</b>	<b>Contextualização da Problemática . . . . .</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO À TEORIA DE REDES . . . . .</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Conceitos Fundamentais . . . . .</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>Métricas de Redes . . . . .</b>	<b>17</b>
<b>2.2.1</b>	<i>Métricas Globais de Redes . . . . .</i>	<i>17</i>
<b>2.2.2</b>	<i>Métricas de Centralidade . . . . .</i>	<i>18</i>
<b>2.3</b>	<b>Modelos de Formação de Redes . . . . .</b>	<b>18</b>
<b>2.3.1</b>	<i>Rede de Erdős-Rényi . . . . .</i>	<i>18</i>
<b>2.3.2</b>	<i>Modelo de Configuração . . . . .</i>	<i>18</i>
<b>2.4</b>	<b>Modelos de Infecção . . . . .</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA . . . . .</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO . . . . .</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS . . . . .</b>	<b>24</b>
	<b>APÊNDICE A – TESTANDO O APÊNDICE . . . . .</b>	<b>26</b>
	<b>APÊNDICE B – TESTE2 . . . . .</b>	<b>27</b>
	<b>ANEXO A – TESTANDO O ANEXO . . . . .</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde as mais antigas civilizações humanas, elas têm enfrentado o problema de propagação de doenças em larga escala [1]. Em 430 a.C aconteceu a epidemia chamada Peste de Atenas que foi responsável pela morte de cerca de 1/3 da população de Atenas. Em 541 houve a primeira pandemia chamada Praga de Justiniano que ocorreu no mediterrâneo, em 1347 aconteceu a mais devastadora pandemia na história da humanidade, a Peste Negra. Mais recentemente tivemos a Gripe Suína em 2009 e recentemente a Covid-19 e a Sétima Pandemia da Cólera. Nesse sentido o estudo de infecções se tornou cada vez mais necessário para cientistas seja para entender como uma infecção afeta o nosso corpo, seja para modelar a propagação dela.

Outrossim, com a expansão da humanidade nos últimos anos a partir do comércio, desmatamento e turismo facilitou a interação entre humanos e entre humanos e animais. Isso favoreceu uma maior propagação de doenças entre as civilizações [2]. Essa propagação tem 4 classificações possíveis de acordo com a taxa de contágio e a sua área de atuação [3].

- **Endemia** significa que uma infecção tem taxa de contágio controlada e previsível que atua desde uma cidade até um continente;
- **Surto** expressa um aumento repentino na ocorrência de casos da doença em pequenas áreas;
- **Epidemia** é um surto em grande escala;
- **Pandemia** é uma epidemia em escala mundial.

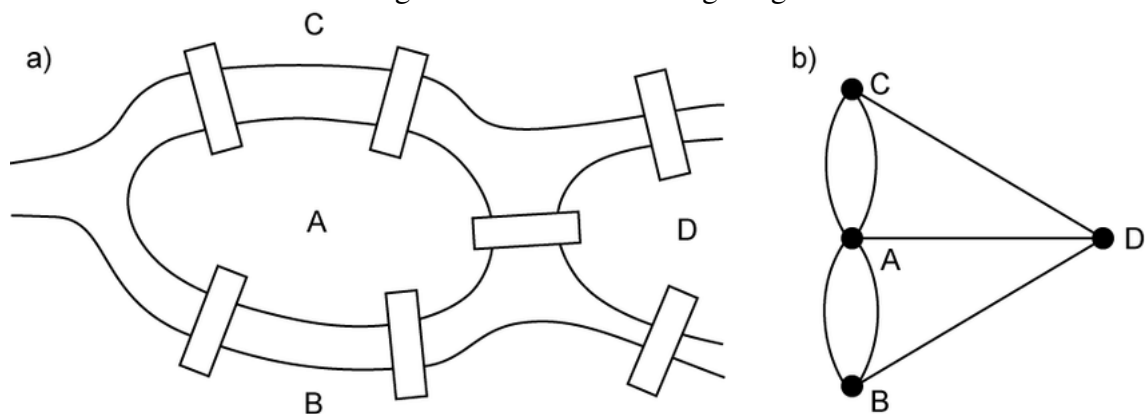
### 1.1 Contextualização da Problemática

## 2 INTRODUÇÃO À TEORIA DE REDES

A nossa principal ferramenta para modelar o nosso problema surgiu em 1736. Nessa época existia a cidade de Königsberg (atual Kaliningrado), nela passava o Rio Prególia que separava a cidade em 4 partes. Para se caminhar livremente pelas 4 regiões foram construídas 7 pontes que ligavam cada região. Isso gerava uma dúvida intrigante entre os moradores: seria possível sair de uma região e voltar para ela passando por todas pontes apenas uma vez?

Leonhard Euler [4] se interessou pelo assunto e tentou resolver esse problema. Para isso ele criou uma estrutura chamada Grafo que era composto por pontos (nós) que representavam as regiões e algo ligando entre eles (ligações) que representavam e ignorou toda a forma geométrica de cada um desses objetos. Euler percebeu que para que haja esse caminho é necessário e suficiente que todos os nós tenham um número de ligações pares. Pois para haver uma solução deve existir um caminho de ida e um de volta para cada vértice, como isso não é verdade para a cidade de Königsberg, então o problema não tem solução.

Figura 1 – Pontes de Königsberg



Fonte: Boguslawski, Pawel [5].

A prova de Euler nos mostra que quando queremos modelar algum problema não é necessário considerar todas as variáveis existentes neles, mas o essencial para a solução. Nesse caso o mais importante foi esquematizar o problema usando Grafos e, principalmente, analisar uma estrutura intrínseca ao Grafo.

Com a solução do problema surge a área da matemática chamada Grafos que é a base matemática para o que chamamos em redes. Essa nomenclatura varia de área para área, na física, por exemplo, são sinônimos enquanto que na computação Grafos estão relacionados à problemas de fluxo [6, 7] e Redes são utilizados para problemas visando a estrutura do Grafo e suas interações [8, 9]. Nesse trabalho usaremos os dois como sinônimo.



## 2.1 Conceitos Fundamentais

Um Grafo  $G(\mathcal{N}, \mathcal{L})$  é uma dupla na qual  $\mathcal{N} = \{0, 1, 2, \dots, i, \dots\}$  é um conjunto não vazio de elementos chamados de vértices, ou nós, e  $\mathcal{L}$  é um conjunto não vazio de pares não ordenados de elementos de  $\mathcal{N}$ . Dessa forma podemos definir  $N = |\mathcal{N}|$  que mensura a quantidade de vértice que há em  $G$  e  $L = |\mathcal{L}|$  que mensura o número de arestas. Essas quantidades também são chamadas de ordem e tamanho [7], respectivamente, que medem a cardinalidade de  $\mathcal{N}$  e  $\mathcal{L}$ .

A partir dessa definição de redes podemos definir a Matriz de Adjacência, ela vai guardar a informação de quem está conectado com quem. Seja uma matriz  $A$  quadrada de tamanho  $N \times N$ , cada elemento da matriz segue a seguinte regra:

$$a_{i,j} = \begin{cases} 1 & \text{se } i \text{ e } j \text{ estão conectados} \\ 0 & \text{caso contrário.} \end{cases}$$

A partir dela surgem características importantes de redes. Se  $a_{i,j} = a_{j,i} \forall i, j \in \mathcal{N}$  então a rede é chamada de não direcionada, se  $a_{i,j} \neq a_{j,i} \forall i, j \in \mathcal{N}$  ela é chamada de direcionada. Isso pode ter diferentes interpretações a depender do contexto inserido. Por exemplo na rede de amigos do Facebook, se o usuário  $A$  é amigo de  $B$ , então  $B$  é amigo de  $A$ . No caso do Instagram se  $A$  segue  $B$  não necessariamente  $B$  segue  $A$ . No primeiro caso é natural modelarmos utilizando redes não direcionadas, enquanto que no segundo usamos redes direcionadas.

Uma outra forma de guardamos a informação de quem está conectado com quem é a partir da lista de vizinhos. Dois vértices  $i$  e  $j$  são vizinhos se existe uma ligação entre  $i$  e  $j$ , assim denotamos  $v(i)$  o conjunto de vizinhos do vértice  $i$  para redes não direcionadas. Em redes direcionadas agora temos dois tipos de vizinhos  $(i, j)$  e  $(k, i)$ , portanto denotaremos  $v_{in}(i)$  todos os vizinhos que têm ligação que chega em  $i$  e  $v_{out}(i)$  todos os vizinhos que têm ligação que sai em  $i$ .

Por fim, podemos adicionar pesos às nossas ligações, isso têm várias interpretações nos problemas: em uma rede de canos de esgoto, o fluxo que passa em um cano pode ser um peso e em redes de Facebook o nível de amizade pode ser um peso das ligações entre usuários, dentre outros exemplos. Ou podemos adicionar aos vértices como em redes sociais se quisermos estudar a propagação de um vírus a idade ou se ela faz parte de um grupo de risco ou não são parâmetros importantes a serem analisados. Formalmente, um Grafo ponderado  $G(\mathcal{N}, \mathcal{L}, \omega)$  é formado por um conjunto de Nós  $\mathcal{N}$ , um conjunto de arestas  $\mathcal{L}$  e um mapeamento  $\omega : \mathcal{L} \mapsto \mathbb{R}$  e/ou  $\omega : \mathcal{N} \mapsto \mathbb{R}$ . Nesse sentido podemos definir a matrix de pesos  $W$  que apresenta uma definição parecida da Matriz de Adjacência, seja  $T$  um valor limiar então:

$$w_{i,j} = \begin{cases} \omega(i, j) & \text{se } i \text{ e } j \text{ estão conectados e } \omega(i, j) > T \\ 0 & \text{caso contrário.} \end{cases}$$

## 2.2 Métricas de Redes

Como discutido anteriormente é muito importante estudarmos a estrutura da rede, pois elas vão governar o comportamento da rede. Para entendermos melhor essa estrutura existem várias métricas [10] relacionadas à topologia da rede podendo ser classificadas como globais ou locais. As métricas globais são aquelas que estão intrinsecamente ligada ao Grafo, enquanto que as locais estão ligadas à cada vértice da rede.

### 2.2.1 Métricas Globais de Redes

A primeira delas a ser analisada é a medida de distância entre um vértice e outro. Seja dois vértices  $i, j \in \mathcal{N}$  dizemos que existe um caminho entre  $i$  e  $j$  se existe uma sequência de vértices  $v_1, v_2, \dots, v_k | (v_s, v_{s+1}) \in \mathcal{L} \forall 1 \leq s < k$  e  $v_1 = i, v_k = j$ . Existem vários caminhos que podem existir entre  $i$  e  $j$ , portanto a nossa distância geodésica entre dois vértices  $l_{i,j}$  é definida como a quantidade de arestas do menor caminho entre  $i, j$ .

Agora que definimos qual é a distância em redes que usaremos, outras métricas surgem a partir dessa definição. Por exemplo temos o menor caminho médio de toda a rede:

$$\langle l \rangle = \sum_{\substack{i,j \\ i \neq j}} \frac{l_{i,j}}{N \cdot (N-1)}. \quad (2.1)$$

Esse valor nos dá a informação sobre o quanto em média é necessário caminhar na rede de um nó para outro. Outro valor importante é o chamado diâmetro  $d$  que é a maior distância geodésica da rede

$$d = \max l_{i,j} \quad (2.2)$$

Esses valores são bastante importantes para estudos em redes de pequeno mundo [11] na qual discutiremos nas próximas sessões.

Uma outra métrica a ser avaliada é quantas conexões cada nó contém. Definiremos o grau  $k_i$  do nó  $i$  como sendo o número de conexões (ou vizinhos) que o nó  $i$  possui para redes não direcionadas. Para redes direcionadas teremos outra divisão entre  $k_i^{in}$  e  $k_i^{out}$  para os sítios que pertencem a  $v_{in}(i)$  e  $v_{out}(i)$ . Podemos achar esses valores a partir da Matriz de Adjacência:

$$k_i^{in} = \sum_j A_{ij} \quad k_i^{out} = \sum_j A_{ji}. \quad (2.3)$$

Além disso podemos também definir o grau médio  $\langle k \rangle$  da rede esse valor tem bastante importância quantitativa quando queremos trabalhar com distribuições de graus.

$$\langle k \rangle = \sum_{i \in G} \frac{k_i}{N} = 2 \frac{L}{N} \quad (2.4)$$

Outras duas métricas importantes são a densidade  $\rho(G)$  e a reciprocidade  $rc(G)$ . A primeira mede a razão entre a quantidade de arestas dentro do grafo  $G$  pela quantidade total de arestas que o grafo pode suportar. Já a segunda nos apresenta a fração de arestas que existem em ambas as direções, no caso trivial de redes não direcionadas esse valor é igual a 1.

$$\rho(G) = \begin{cases} \frac{2L}{N \cdot (N-1)} & \text{se a rede for não direcionada, ou} \\ \frac{L}{N \cdot (N-1)} & \text{se a rede for direcionada.} \end{cases}$$

$$rc(G) = \frac{\sum_{i,j} A(i,j)A(j,i)}{\sum_{i,j} A(i,j)} \quad (2.5)$$

Por fim temos uma métrica para analisar o Agrupamento de uma Rede, ou seja quanto que os vértices estão unidos. Essa métrica será definida a partir da probabilidade de um vizinho do nó  $i$  estar conectado com outro vizinho de  $i$ . Existe a definição desse valor a partir da Matriz de Adjacência pela 2.6, porém é mais compreensível compreensível pela 2.7

$$cl(G) = \frac{\sum_{(i,j,k): i \neq j \neq k} A(i,j)A(j,k)(k,j)}{\sum_{(i,j,k): i \neq j \neq k} A(i,j)A(j,k)}, \quad (2.6)$$

$$cl(G) = 3 \frac{\#Triangulos}{\#Triades}. \quad (2.7)$$

Em que

### 2.2.2 Métricas de Centralidade

## 2.3 Modelos de Formação de Redes

Na sessão anterior discutimos sobre as métricas que tentam quantificar a estrutura da rede, nesse sentido dada um grafo  $G$  conseguimos extrair as suas propriedades. Contudo, será que seria possível fazer o contrário? Dado uma propriedade conseguimos criar uma Rede que contenha essas propriedades? Portanto, nessa sessão explicaremos os principais modelos utilizados para formarmos redes artificiais.

### 2.3.1 Rede de Erdős-Rényi

A Rede de Erdős-Rényi, ou rede aleatória, parte do princípio que nossas conexões com outras pessoas são aleatórias. Ao trabalharmos nesse modelo nós temos o conhecimento de quantos sítios e ligações existem

### 2.3.2 Modelo de Configuração

Diferente do Modelo de Erdős-Rényi podemos encontrar o caso na qual nós sabemos que o nosso grafo tem uma quantidade  $N$  de sítios e sabemos qual a sequência de graus  $\{k_i\}$  cada sítio  $i$  da rede. Para gerar redes assim usamos o chamado Modelo de Configuração (MC). Esse modelo tem uma restrição de que o número de ligações (que pode ser obtido facilmente

por 2.4) ser um número par. O modelo segue da seguinte forma:

1. Criam-se os  $N$  vértices da rede;
2. Cada vértice  $i$  recebe  $\kappa_i$  ligações a serem criadas;
3. Escolhemos o vértice  $i$  em ordem decrescente de grau da sequência  $\{\kappa_i\}$  (isso serve para facilitar a convergência do modelo);
4. Escolhemos aleatoriamente outro  $j$  sítio da rede que não tenha ligação com  $i$  e que ainda não tenha criada todas as  $\kappa_j$  ligações e criamos a ligação e reduzimos em 1 o valor de  $\kappa_i$  e  $\kappa_j$ ;
5. Repetimos 3 e 4 até colocarmos todas as ligações na rede.

---

**Algorithm 1** Modelo de Configuração
 

---

**Require:** *graus*

▷ Essa lista em ordem decrescente

**Require:** *edges*

```

while  $i \in \mathcal{N}$  do
   $k_i \leftarrow \text{graus}_i$ 
  while  $j \in \mathcal{N}$  do
    if  $(i \neq j)$  and  $(k_i \neq 0)$  then
      if  $(i,j)$  not in edges and  $(k_j \neq 0)$  then
        edges.insert(( $i,j$ ))
         $k_i \leftarrow k_i - 1$ 
         $k_j \leftarrow k_j - 1$ 
      end if
    end if
  end while
end while
  
```

---

Figura 2 – Ilustração do Modelo

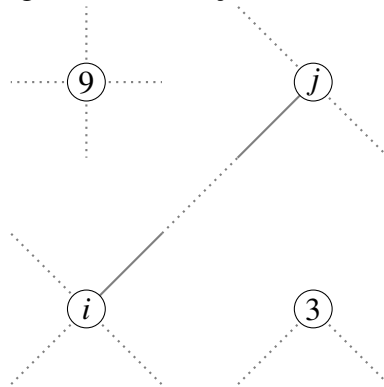


Figura 3 – Funcionamento do Modelo de Configuração, escolhemos dois sítios  $i$  e  $j$  aleatoriamente e os conectamos. Fonte: Elaborado pelo autor

## 2.4 Modelos de Infecção

### 3 METODOLOGIA

Por conseguinte é natural a utilização de Redes Complexas como modelagem para estudos da Covid-19. Para tanto precisamos agora de dados sobre redes de contágio que contenham informações relevantes para esse estudo, como idade, tempo de contato, se faz parte de grupo de risco ou não, dentre outros.

Entretanto, não é fácil encontrar um banco de dados tão completo assim e não enviesado pela recente pandemia. Em 2008, visando o estudo da pandemia de influenza a Comissão Europeia criou o projeto chamado POLYMOD [12] que tinha o intuito da coleta de dados para entender como quais seriam os padrões de contatos da Europa [13].

Apoiado nesse estudo, pesquisas posteriores se inspiraram no molde do POLYMOD [14–24]. Apesar da grande quantidade de pessoas e contatos há um problema essencial: não há garantia de que as pessoas da entrevista se conectem em si. Por exemplo, no caso da França [17] foram feitas ligações aleatórias extraída da população francesa excluindo territórios ultramarinos, assim nossa análise em rede estaria bastante limitada.

Para evitar esse problema [25] propõe um modelo para formamos uma rede baseado nos dados franceses. A partir dos dois dias de entrevista é calculado a média de contatos por dia de cada pessoa (arredondado para cima) e utiliza o Modelo de Configuração para a formação de uma Rede Sintética. No entanto, o modelo de formação de redes gera um agrupamento médio limitado e ele é muito importante na suavização de epidemias [26]. Nesse sentido Manzo propõe que antes de excluirmos um dado sítio do Modelo de Configuração, passamos por cada vizinho dele e os conectamos entre si com uma probabilidade  $p$ . Ou seja:

1. Quando um dado sítio  $i$  atinge o grau requerido pelo MC selecionamos todos os vizinhos  $v(i)$ ;
2. Selecionamos dois sítios aleatoriamente  $v$  e  $n$  e conectamos com probabilidade  $p$ ;
3. Se ela existir os conectamos e salvamos para que ela não se repita no MC, caso contrário salvamos para que ela não se repita nesse algoritmo. Por fim também reduzimos em 1 o valor de  $\kappa_i$  e  $\kappa_j$ ;
4. Fazemos 2. até testarmos todas as ligações possíveis e paramos esse algoritmo para dar continuidade ao MC.

O Modelo é mostrado na Figura 5, na qual mostramos o estágio quando encontramos um dado sítio que atinge o grau especificado. Assim como nos modelos de formação de rede existem várias redes que podem ser formadas dada uma probabilidade  $p$ . Outrossim, se o sítio já tiver atingido o grau requerido pelo MC, então ele não precisa entrar nesse algoritmo. A partir desse modelo o autor consegue os seguintes resultados mostrados na Tabela 1 e os meus estão na Tabela 2.

**Algorithm 2** Implementação de Manzo**Require:**  $edges$ **Require:**  $\kappa$ **Require:**  $n\_existir$ 

▷ É necessário salvar quais ligações não vão existir.

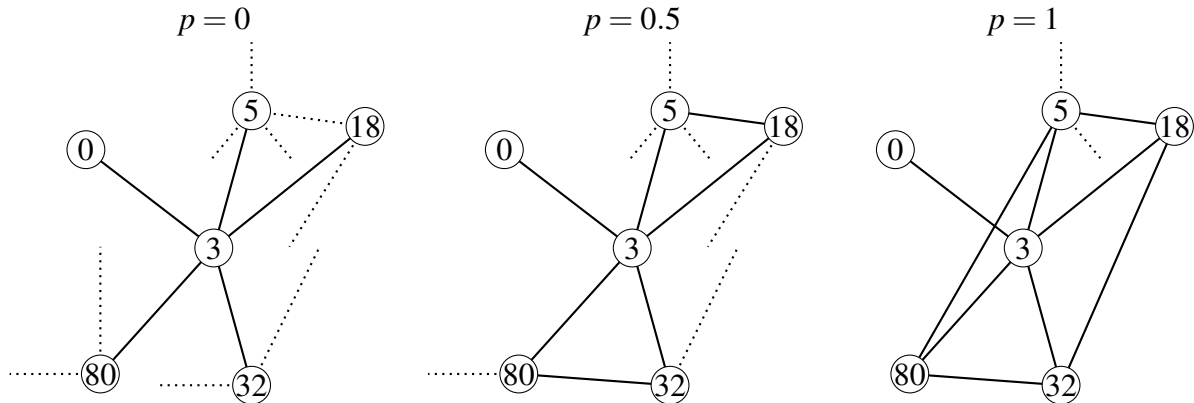
**Require:**  $p$ **Require:**  $i \in G(\mathcal{N}, \mathcal{L})$ 

```

while  $v \in v(i)$  do
  while  $n \in v(i)$  do
    if  $(v \neq n)$  and  $(\kappa_i \neq 0)$  and  $(\kappa_j \neq 0)$  then
       $r \leftarrow \text{random\_number}([0,1])$ 
      if  $(r \leq p)$  and  $(v,n \text{ not in } edges)$  and  $(n,v \text{ not in } n\_existir)$  then
         $edges.insert((v,n))$ 
         $\kappa_v \leftarrow \kappa_v - 1$ 
         $\kappa_n \leftarrow \kappa_n - 1$ 
        ▷ Essa matriz vem do MC
      else
        if  $i,j$  not in  $n\_existir$  then
           $n\_existir.insert((v,n))$ 
        end if
      end if
    end if
  end while
end while

```

Figura 4 – Ilustração do Modelo de Manzo

Figura 5 – Funcionamento do Modelo de Configuração, escolhemos dois sítios  $i$  e  $j$  aleatoriamente e os conectamos. O Algoritmo pode gerar várias topologias de redes, porém ainda limitadas pelas quantidades  $\{k_i\}$  de graus impostas pelo MC.

Fonte: Elaborado pelo autor

Tabela 1 – Tabela do resultado de Manzo

Probabi- lidade	Grau Médio	Grau Mediano	Desvio Padrão Grau	Agrup- amento Médio	Corr Agrup- Grau	Menor Caminho Médio	Diâmetro
$p = 0$	9.72 (0.00)	8 (0.00)	6.56 (0.00)	0.01 (0.00)	-0.06 (0.01)	3.47 (0.00)	6 (0.00)
$p = 0.5$	9.72 (0.00)	8 (0.00)	6.56 (0.00)	0.43 (0.00)	-0.62 (0.01)	4.38 (0.03)	7.45 (0.5)
$p = 1.0$	9.72 (0.00)	8 (0.00)	6.56 (0.00)	0.57 (0.01)	-0.56 (0.01)	5.52 (0.09)	10.10 (0.59)

Aqui aparece os resultados advindos do autor para a rede francesa feitas em 100 simulações de redes. Apresentando as características da rede e em parêntese o erro associado a cada valor.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os valores com probabilidade  $p = 0$  batem perfeitamente com os resultados do autor, os outros valores se aproximam bastante do que aparece no artigo, porém ainda na mesma faixa de erro. Podemos ver que o Grau permanece o mesmo para que seja respeitado o MC já o agrupamento aumenta bastante com o incremento de  $p$  chegando a seu valor máximo em 0.56 que é limitado pelo MC.

Tabela 2 – Tabela do meu resultado.

<b>Probabi- -lidade</b>	<b>Grau Médio</b>	<b>Grau Mediano</b>	<b>Desvio Padrão Grau</b>	<b>Agrupamento Médio</b>	<b>Corr Agrup- Grau</b>	<b>Menor Caminho Médio</b>	<b>Diâmetro</b>
p = 0	9.72	8.00	6.56	0.01	-0.06	3.47	6.00
p = 0.5	9.72	8.00	6.56	0.42	-0.62	4.37	7.40
p = 1.0	9.72	8.00	6.56	0.56	-0.57	5.62	10.37

Aqui aparece os resultados advindos do meu código na qual foram feitas 1000 simulações de redes para a rede francesa que se aproximam bastante do apresentado no artigo. Os que não bateram certo estão na faixa de erro mostrada anteriormente.

Fonte: Elaborada pelo autor.

## **4 CONCLUSÃO**



## REFERÊNCIAS

- [1] HUREMOVIĆ, D. Psychiatry of pandemics (a mental health response to infection outbreak) — brief history of pandemics (pandemics throughout history). Springer International Publishing, v. 10.1007/978-3-030-15346-5, may 2019.
- [2] DOBSON, A. P.; CARPER, E. R. Infectious diseases and human population history. *BioScience*, Oxford University Press (OUP), v. 46, n. 2, p. 115–126, fev. 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/1312814>>.
- [3] GRENNAN, D. What is a pandemic? *JAMA*, American Medical Association (AMA), v. 321, n. 9, p. 910, mar. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1001/jama.2019.0700>>.
- [4] EULER, L. Solutio problematis ad geometriam situs pertinentis. *Commentarii Academiae Scientiarum Imperialis Petropolitanae*, v. 8, p. 128–140, 1736.
- [5] BOGUSLAWSKI, P. Modelling and analysing 3d building interiors with the dual half-edge data structure. 01 2011.
- [6] SZWARCFITER, J. L. *TEORIA COMPUTACIONAL DE GRAFOS*. 1. ed. [S.l.]: Elsevier, 2018. ISBN 9788535288841; 8535288848; 9788535288858; 8535288856.
- [7] GOLDBARG, M. *Grafos: Conceitos, algoritmos e aplicações*. [S.l.: s.n.], 2012. ISBN 978-85-352-5716-8.
- [8] BARABÁSI, A.-L. *Network Science*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2016. ISBN 9781107076266; 1107076269.
- [9] NEWMAN, M. *Networks*. 2. ed. [S.l.]: Oxford University Press, 2018. ISBN 0198805098; 9780198805090.
- [10] COSTA, L. da F. et al. Characterization of complex networks: A survey of measurements. *Advances in Physics*, Informa UK Limited, v. 56, n. 1, p. 167–242, jan. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00018730601170527>>.
- [11] KLEINBERG, J. The small-world phenomenon: An algorithmic perspective. *Conference Proceedings of the Annual ACM Symposium on Theory of Computing*, 04 2001.
- [12] MOSSONG, J. et al. *POLYMOD social contact data*. Zenodo, 2017. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/3746312>>.
- [13] MOSSONG, J. et al. Social contacts and mixing patterns relevant to the spread of infectious diseases. *PLoS Medicine*, Public Library of Science (PLoS), v. 5, n. 3, p. e74, mar. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pmed.0050074>>.

- [14] NIEL, H. et al. *Social contact data for Belgium (2006)*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/4059864>>.
- [15] LANDER, W. et al. *Social contact data for Belgium (2010-2011)*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/4302055>>.
- [16] ZHANG, J. et al. *Social contact data for China mainland*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/3878754>>.
- [17] BÉRAUD, G. et al. *Social contact data for France*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/3886590>>.
- [18] LEUNG, K. et al. *Social contact data for Hong Kong*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/3874808>>.
- [19] GRIJALVA, C. G. et al. *Peruvian Social Contact Data*. Zenodo, 2017. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/1095665>>.
- [20] LITVINOVA, M. et al. *Social contact data for Russia*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/3874674>>.
- [21] Mahikul Wiriya et al. *Social contact data for Thailand*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/4086739>>.
- [22] Horby Peter et al. *Social Contact Data For Vietnam*. Zenodo, 2018. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/1289474>>.
- [23] DODD, P. J. et al. *Social contact data for Zambia and South Africa (CODA dataset)*. Zenodo, 2019. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/2548693>>.
- [24] MELEGARO, A. et al. *Social contact data for Zimbabwe*. Zenodo, 2020. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/3886638>>.
- [25] MANZO, G.; RIJT, A. van de. Halting SARS-CoV-2 by targeting high-contact individuals. *Journal of Artificial Societies and Social Simulation*, Journal of Artificial Societies and Social Simulation, v. 23, n. 4, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.18564/jasss.4435>>.
- [26] BLOCK, P. et al. Social network-based distancing strategies to flatten the COVID-19 curve in a post-lockdown world. *Nature Human Behaviour*, Springer Science and Business Media LLC, v. 4, n. 6, p. 588–596, jun. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41562-020-0898-6>>.

## **APÊNDICE A – TESTANDO O APÊNDICE**

### **A.1 Teste**

#### ***A.1.1 teste***

## **APÊNDICE B – TESTE2**

### **B.1 teste**

**ANEXO A – TESTANDO O ANEXO**